

JOELMIR BETING

*"A vocação do político de carreira
é fazer de cada solução um problema."
Woody Allen, cineasta americano*

Congresso

O plano não é eleitoreiro no governo. Eleitoreira é a desfiguração do plano no Congresso. Metade dos congressistas, com um pé no palanque, introduz emendas populistas na estrutura da URV, que ainda é uma solene medida provisória. A outra metade puxa o tapete da revisão constitucional, investindo, eleitoralmente, no piorômetro coletivo.

□□□ O Congresso revisor, instalado em outubro, deu-se oito meses para mudar a Constituição. Pois a classe política já perdeu seis meses desse prazo. Os trabalhos da revisão foram sabotados pela conversa fiada e pela obstrução leviana. O Congresso teria,

agora, menos de 20 sessões, até 31 de maio, para a realização dos 12 trabalhos de Hércules. Claro que não vai dar.

□□□ São políticos anões, de partidos anões, com programas anões, de costas para o futuro, de costas para o mundo, de costas para o Brasil. Não tiveram grandeza cívica para escrever uma Constituição moderna em 1988. E não têm grandeza política para expurgá-la agora em 1994. De lá para cá, caíram todos os muros lá fora. Mas os políticos brasileiros ainda não foram avisados.



□□□ Para o Plano de Estabilização, a reforma constitucional é absolutamente fundamental. Portanto, impostergável. Para a reengenharia do Estado brasileiro, também. Sem ela, o próximo governo não terá como pagar o funcionalismo.

E a Previdência, já em estado de coma, terá uma sobrevida meramente vegetal.

□□□ Em gestação no ventre atribulado da URV, o real não terá como permanecer em órbita sem o reator de um poderoso ajuste fiscal. E o ajuste fiscal tornou-se réfem da revisão constitucional.

Quatro reformas de base garantiriam o ajuste fiscal: a tributária, a previdenciária, a administrativa e a patrimonial. Com elas, o Congresso faria a reengenharia do Estado, possibilitando ao governo concluir a reengenharia da moeda. São as duas pernas do plano.

□□□ Os políticos carreiristas — 70% das cadeiras do Congresso — deveriam zelar, no mínimo, pela sobrevivência biológica de um governo que não mais governa porque não se governa e não se deixa governar. Ou como suspira o deputado José Serra: "O impasse do Brasil está, não em não se saber governar, mas em não se poder governar, mesmo em se sabendo fazê-lo".